

PERFIL DA POPULAÇÃO IDOSA QUE UTILIZA ERVA MEDICINAL

Cheila de Matos Machado; Daiane de Moraes Rocho; Gerusa dos Santos Cardoso; Jeanice Baecker Lasta; Valmir Soares Machado

Universidade Luterana do Brasil - ULBRA/Torres – RS enfermagetorres@ulbra.br

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou dado onde afirmam que 80% da população utilizam somente plantas medicinais ou fitoterápicas como tratamento básico de saúde (WHO, 2002). A grande variedade de plantas medicinais faz com que o seu uso seja realizado por diferentes segmentos da sociedade principalmente por idosos que, utiliza este recurso para diferentes fins (GONÇALVES; DURGANTE, 2013).

O uso dos fitoterápicos entre os idosos, muitas vezes acaba se salientando devido à utilização deste recurso como automedicação. Mesmo com o acesso a medicamentos alopáticos, observa-se que muitos idosos dão preferência ao uso das ervas medicinais, e, em alguns casos acabam por fazer uso concomitantes aumentando os riscos de reações alérgicas ou tóxicas que podem resultar em internações hospitalares (LIMA et al., 2012).

Para as equipes de saúde que trabalham junto às comunidades pequenas onde a prática da utilização de ervas é rotineira torna-se muito importante identificar a frequência do uso das mesmas, assim como a espécie e onde são cultivadas. Observa-se diante destas práticas, uma relação entre o conhecimento popular e científico, sendo o conhecimento que se utiliza do senso comum uma associação de experiências, práticas e informações populares (SILVA et al., 2015).

Existe um número extenso de estudos que abordam plantas medicinais e, estes estão associados à manuais de identificação de plantas que elencam os malefícios e os benefícios logo, a preocupação como profissional da saúde está interligada ao uso indiscriminado da utilização deste recurso no tratamento das enfermidades (LIMA et al., 2014).

A utilização de plantas medicinais é uma prática recorrente em comunidades pequenas onde, existe um grande número de moradores idosos. Por questões culturais os usos destas plantas passam de geração à geração e, em muitos casos acabam substituindo os medicamento alopáticos. Portanto, identificar o perfil dos usuários que fazem uso desses fitoterápicos é uma das motivações deste estudo, que através desta construção de saberes permitirá (re) conhecer que as crenças populares devem ser aliadas ao conhecimento científico no desenvolvimento de práticas humanísticas que valorizem a cultura local (GIROTTO, 2013).

A automedicação é uma prática comum dos idosos em nosso país, contudo, muitas vezes não existe uma consciência, por parte do paciente, em relatar ao médico o uso, sem prescrição, destes medicamentos. (LIMA et al., 2012).

O interesse em desenvolver um estudo com este tema está associado ao objetivo de conhecer o perfil da população idosa que utiliza as plantas medicinais na UBS de Santa Luzia, município de Osório.

METODOLOGIA

Trata-se um estudo quantitativo, com delineamento transversal. A população do estudo foram os idosos. Os critérios de inclusão deste estudo são idosos de ambos os sexos, com idade a partir de 60 anos, moradores cadastrados no sistema pertencente à UBS Santa Luzia, que concordarem em participar do estudo, mediante assinatura do Termo de Compromisso Livre Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados foi realizada no período de julho e agosto de 2015. Utilizando-se questionário estruturado, contendo perguntas sociodemográficas e de padrões de utilização da erva medicinal, aplicado pela pesquisadora.

A coleta de dados foi realizada na UBS Santa Luzia. Amostra foi selecionada através de demanda livre, quando os pacientes, cadastrados na UBS, procuraram a mesma para atendimento de alguma de suas necessidades, eles foram abordados e convidados a participar da pesquisa, e assim consecutivamente até formar a amostra estipulada para este estudo.

Com auxílio de uma planilha Excel, foi realizada a análise dos dados de forma descritiva, através de frequências relativas e porcentagens.

O estudo foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Luterana do Brasil, sob o parecer de nº 1.087.359 de 28/05/2015.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizeram parte desta amostra 86 indivíduos, com idade média de 69 (± 8) anos. O estudo revela que (59,3%) da amostra pertence a faixa etária dos 60 aos 69 anos, (64%) são do sexo feminino, (59,3%) são casados, (61,5%) tem o 1º grau incompleto, (84,9%) atualmente não exercem atividade profissional.

Segundo dados levantados por Brasileiro et al. (2008), a maior parte das informações sobre a utilização e conhecimento de plantas medicinais é proveniente da tradição familiar.

Pesquisas apontam que pessoas com idade superior a 40 anos são as que possuem maior conhecimento sobre o uso de plantas medicinais logo, este tipo de informação é mantido por pessoas mais velhas e em sua grande maioria por mulheres que, no passado tinham como função cuidar da casa, marido, filho, idoso e doente (LIMA et al., 2014).

Quando questionados sobre o uso de medicação contínua, houve predomínio (79,1%) e (39,6%) revelaram esquecimento da medicação contínua.

Plantas medicinais podem ser potencialmente prejudiciais ao atrasar ou substituir um tratamento convencional ou quando comprometem a eficácia de medicamentos convencionais (CAPASSO et al., 2000; WONG; CASTRO, 2003).

Os fitoterápicos e as plantas medicinais estão diretamente ligados à automedicação (RATES, 2001).

O esquecimento do uso das medicações pode estar associado, em muitos casos, ao envelhecimento, pois, é nesta fase que os lapsos de memória acabam por influenciar em atividades que antes eram executadas normalmente. Ainda, em casos onde o esquecimento torna-se uma rotina na utilização dos medicamentos existe a necessidade de intervenções terapêuticas que auxiliem o paciente a compreender o quanto é importante o uso correto das medicações (GIROTTO, 2013).

Observou-se que a maior frequência de indicação para utilização da erva medicinal foi por autoindicação (79%), seguido de indicação por amigo/conhecido (69,8%).

O conhecimento das recomendações terapêuticas das plantas medicinais é, normalmente, uma característica presente na população mais idosa, sendo que estas plantas são utilizadas principalmente para o tratamento de morbidades menores (FEIJÓ et al., 2012; LIMA et al., 2012; OLIVEIRA; MENINI, 2012).

Em diversas partes do Brasil é comum a prática dos chás feitos pela decocção não só para as partes duras ou secas do vegetal, como caules, raízes, folhas secas, etc., mas também a fervura das folhas frescas. Este procedimento não é indicado para qualquer planta, pois pode degradar ou eliminar princípios ativos das mesmas, inativando o efeito terapêutico do chá ou tornando-o perigoso à saúde. (PASA; SOARES; GUARIN, 2005).

A atenção na manipulação e no uso dos medicamentos alopáticos estende-se também as plantas medicinais vistas, que em muitos casos a utilização dos dois é realizada conjuntamente. O uso sem conhecimento das plantas medicinais e a crença popular de que natural significa seguro fez com que uma preocupação surgisse em torno deste assunto, logo alguns destas plantas foram incluídas em programas de farmacovigilância (NASCIMENTO; GONÇALVES, 2013).

Percebeu-se que as plantas medicinais com maior destaque na utilização foram: hortelã, citada por (60%) dos usuários, seguido da laranja, que foi citada por (54%) da amostra e a erva cidreira com frequência de (50%). Alguns autores que abordam o tema plantas medicinais colocam que grande parte do cultivo das mesmas é realizada em quintais ou em locais próximos as residências as quais se referem o cultivo doméstico tem sido predominante no uso das plantas medicinais (LIMA et al., 2014).

O modo de preparo mais utilizado é o chá fervido, sendo utilizado por (67%) da amostra. A parte da planta mais utilizada é a folha com (96,5%) de utilização e (87,2%) utiliza a planta fresca para consumo. Quase (20%) da amostra utilizam erva medicinal todos os dias e (23%) faz utilização semanalmente.

A maioria da amostra estudada (96,5%) não tem conhecimento sobre as contraindicações das plantas medicinais. Na coleta de dados verificou-se que as indicações do uso das plantas medicinais geralmente não são realizadas por um profissional da saúde logo, conclui-se que os participantes da pesquisa não fazem uso deste recurso com acompanhamento o que pode trazer para a saúde alguns riscos devido às contraindicações (PIRIZ et al., 2014).

Alguns estudos afirmam que as plantas medicinais têm alto valor terapêutico devido às propriedades terapêuticas e, as mesmas são (re) conhecidas por promover a cura, prevenção, diagnóstico ou tratamento de sintomas de doenças (CUNHA et al, 2010; GUEDES; FRANKLIN; FERNANDES, 2012), seu uso é benéfico e recomendado. Porém, algumas pesquisas mostram que muitas dessas plantas possuem substâncias maléficas e, por essa razão, devem ser utilizadas com cautela, respeitando seus riscos toxicológicos (RODRIGUES et al., 2011; BOCHNER et al., 2012; COSTA et al., 2012). Assim cuidados especiais devem ser considerados desde a coleta, secagem, armazenamento e preparação das plantas medicinais, a fim de que seus efeitos benéficos sejam atingidos (BRASIL, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização das plantas medicinais por idosos na Unidade Básica de Saúde de Santa Luzia tornou-se um hábito comum, como ficou comprovado neste estudo. Muitos idosos fazem uso deste recurso para sua automedicação, mesmo com acesso a medicamentos alopáticos. As ervas também são utilizadas como temperos, chás e infusões para chimarrão.

Observou-se que as práticas desenvolvidas na comunidade de Santa Luzia são rotineiras em outros locais, conforme relatos na literatura nacional.

Com base nos objetivos deste estudo, conclui-se que a utilização de fitoterápicos é comum principalmente por idosos. A utilização destes recursos, muitas vezes é passada de geração a geração, logo, torna-se fundamental que os profissionais da saúde busquem ações que sensibilizem a população sobre os malefícios do uso indiscriminados das plantas medicinais.

Diante deste estudo, ficou evidente a necessidade de construção de novas e diferentes ações pela equipe de enfermagem pertencente à Unidade Básica de Saúde de Santa Luzia para um trabalho conjunto com a população sobre plantas medicinais enfatizando seus benefícios junto aos malefícios do uso indiscriminado da utilização deste fitoterápico para a saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução - RDC nº 10, de 9 de março de 2010**. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. Brasília, DF, 2010.

BRASILEIRO, B. G. et al. **Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”**, Governador Valadares, MG, Brasil. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas, v. 44, n. 4, 2008.

BOCHNER, R. et al. **Problemas associados ao uso de plantas medicinais comercializadas no Mercado de Madureira, município do Rio de Janeiro.** Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 14, n. 3, p. 537-547, 2012.

CAPASSO, R. et al. **Phytotherapy and quality of herbal medicines.** Fitoterapia, v.71, p.S58-S65, 2000.

COSTA, K. C. da S. et al. **Medicinal plants with teratogenic potential: current considerations.** Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences, v. 48, n. 3, p. 427-433, 2012.

CUNHA, A. M da. et al. **Hypoglycemic activity of dried extracts of Bauhinia forficata Link.** Phytomedicine, v. 17, n. 1, p. 37-41, 2010.

GIROTTI, E. et al. **Adesão ao tratamento farmacológico e não farmacológico e fatores associados na atenção primária da hipertensão arterial.** Ciênc Saúde Coletiva, v. 18, n. 6, p. 1763-72, 2013.

GONÇALVES, A. C M.; DURGANTE, C. E. A. **Práticas complementares para a saúde integral.** Rio de Janeiro: Ideia Jurídica, 2013.

GUEDES, A. P.; FRANKLIN, G.; FERNANDES F., M.. **Hypericum sp.: essential oil composition and biological activities.** Phytochemistry Reviews, v. 11, n. 1, p. 127-152, 2012.

LIMA, D. F. et al. **Conhecimento e uso de plantas medicinais por usuários de duas unidades básicas de saúde.** Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene, v. 15, n. 3, 2014.

LIMA, S. C. da S. et al. **Representações e usos de plantas medicinais por homens idosos.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 20, n. 4, p. 778-786, 2012.

NASCIMENTO, A. P. L. F; GONÇALVES, K. **Uso de plantas cultivadas em quintais urbanos no município de campina do Monte Alegre, SP.** XI Congresso de Ecologia do Brasil, Porto Seguro – BA, setembro, 2013.

OLIVEIRA, E. R.; MENINI N. L. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte–MG.** Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM N. G. **Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil).** Acta Botânica Brasílica, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PIRIZ, M. A. et al. **Plantas medicinais no processo de cicatrização de feridas: uma revisão de literatura.** Rev. bras. plantas med, v. 16, n. 3, p. 628-636, 2014.

RATES, S. M. K. **Promoção do uso racional de fitoterápicos: uma abordagem no ensino de Farmacognosia.** Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 11, n. 2, p. 57-69, 2001.

RODRIGUES, H. G. et al. **Efeito embriotóxico, teratogênico e abortivo de plantas medicinais.** Rev. bras. plantas med, v. 13, n. 3, p. 359-366, 2011.

SILVA, A. B et al. **O uso de plantas medicinais por idosos usuários de uma unidade básica de saúde da família.** Rev enferm UFPE on line., Recife, 9(Supl. 3):7636-43, abril, 2015.

WHO - World Health Organization. **Monographs on selected medicinal plants.** Geneva: World Health Organization; 2002.

WONG, A.; CASTRO, E. G. R. **Aspectos toxicológicos dos fitoterápicos.** Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica, v. 1, n. 2, p. 96-102, 2003.

